

Rodando com tampinhas: uma experiência sustentável e solidária

Anna Carolina Carvalho de Souza

O presente documenta a experiência dos Jogos Internos do *campus* Tijuca I, do Colégio Pedro II (CPII), situado na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, relata o vínculo com uma campanha solidária que mobilizou toda comunidade escolar em busca de integração e parceria entre escola, famílias e estudantes.

Antes de qualquer coisa, cabe contextualizar a ocorrência dos Jogos Internos na instituição, destacando algumas práticas tradicionais do colégio. Antes da pandemia de Covid-19, anualmente, os docentes de Educação Física do CPII do *campus* Tijuca I costumavam organizar o evento. Esses jogos tinham inspirações nos Jogos Intercampi. Enquanto esses mobilizam a comunidade escolar como um todo, contando com a participação de estudantes das 14 unidades, os Jogos Internos contam com a participação apenas de estudantes do *campus* Tijuca I.

Na condição de professora ingressantes, logo percebi que as crianças aguardavam a ocorrência dos Jogos Internos com certa ansiedade: “quando começarão os Jogos Internos, professora?”

No dia 23 de outubro de 2019, o *campus* Tijuca I do CPII iniciou os preparativos distribuindo, aleatoriamente, cerca de 500 crianças em equipes, cada qual recebeu a uma das cores dos arcos olímpicos (verde, vermelho, amarelo, azul e preto). O(A)s responsáveis deveriam adquirir uma fita de cetim na cor correspondente e no comprimento que permitisse fazer a volta ao corpo no modelo de uma faixa presidencial.

Num mural confeccionado pela professora de Matemática eram divulgadas informações sobre o desempenho das equipes. A campeã conquistaria o troféu “Construindo a vitória”. As aulas se transformaram no cenário dos jogos e o somatório da pontuação final era a junção dos pontos obtidos nas atividades propostas com os pontos adquiridos através de situações que evidenciavam a interação das crianças, cujas atitudes solidárias eram registradas. Outro quesito de pontuação era a responsabilidade, por exemplo, não esquecer a fita de cetim nos dias das aulas de Educação Física.

Buscando equilíbrio entre as práticas corporais hegemônicas e contra hegemônicas, refleti sobre como poderia aproximar o trabalho que vinha sendo desenvolvido na escola do [Projeto Político Pedagógico Institucional](#) do CPII, incluindo

outros temas socialmente relevantes e questões que fugissem dos conteúdos historicamente privilegiados pelo currículo escolar.

Foi então que, diante de observações do uso de tampinhas pelas crianças – chutando no recreio, brincando de futebol de dedo etc. – em conjunto decidimos que além participar dos jogos tradicionais, as equipes precisariam arrecadar tampinhas para para participar da campanha [Rodando com tampinhas](#). Foi proposto que o time que recolhesse mais tampinhas seria o destaque de solidariedade da competição. Cartazes foram afixados nos murais da escola.

Imagem 1 – Informativo sobre a campanha rodando com tampinha

TAMPINHAS QUE VALEM CADEIRAS DE RODA



E-mail: rodandocomtampinhas@gmail.com
Instagram: [@rodandocomtampinhas](https://www.instagram.com/rodandocomtampinhas)

Serviam tampinhas de garrafa ou de leite de qualquer cor, mas na hora de depositá-las nos recipientes a criança deveria colocá-las na caixa da sua equipe para facilitar a contagem.

Imagem 2 – Estudantes depositando as tampinhas nas caixas



Enquanto a campanha e os Jogos Internos transcorriam, observei que durante o recreio as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental realizavam algumas brincadeiras. Passei a sugerir-las naquelas aulas em que não aconteciam competições do evento. Brincamos de “laranja da China”. Eu dizia: “laranja da China, vou transformar vocês em...”. Nesse momento as crianças cantavam: “ímã!”. E, então, eu pedia que encostassem partes do corpo no(a)s colegas mais próximo(a)s, como pé com pé, mão com mão, panturrilha com panturrilha etc.

Também brincamos de “o mestre mandou” em que preferimos denominar “o mestre pediu” e, assim, imitaram e representaram profissões, animais, etc. – como quando eram solicitados a andar como uma formiga, ou elefante –, ficar triste, feliz, imitar

astronauta; além disso, eram convidado(a)s a ditar quais seriam as representações que o(a)s demais colegas fariam.

Outra brincadeira cantada falava também sobre encostar a mão em diferentes partes do próprio corpo, depois de cantar a música que tinha como letra: “abre a mão, fecha a mão, levanta o dedão, aponta para o chão, balança a cabeça, balança a cabeça, coloque a mão...”, propus lugares em que as crianças colocariam a mão, como cabeça, joelho, orelha e pés.

Brincamos de “quem pegar primeiro”, em que era colocada uma tampinha entre duas crianças, todas elas participavam simultaneamente, eu dizia algumas partes do corpo que elas colocariam a mão e finalmente eu dizia: “tampinha!”. Imediatamente elas pegavam a tampinha. Diferentemente da versão mais conhecida, em que uma das pessoas acaba sendo eliminada por não conseguir pegar primeiro a tampinha, eu pedia que eles se revezassem e trocassem as duplas. Nessa vivência, foi possível identificar momentos de descontração, diversão com risos e alegria diante dessas brincadeiras que reforçavam o conhecimento sobre o corpo.

Concomitantemente, alguns(mas) estudantes estavam preocupado(a)s com o placar dos Jogos Internos e engajado(a)s na campanha *Rodando com tampinhas*. Além das brincadeiras citadas, durante esse período, brincamos de queimado, invasão, cabo de guerra humano, jogo da velha em pé e outras práticas competitivas e não competitivas.

Surgiu a ideia de pesquisarmos outras brincadeiras. Combinamos cada qual escolheria o método e a fonte. Poderia ser feita na internet ou com familiares, por exemplo. O diálogo durante as aulas era constante, com o objetivo de ouvir os anseios do(a)s estudantes e refletirmos junto(a)s.

Imagens 3 – Registro de atividades realizadas nos Jogos Internos 2019.





Durante os encontros, os diálogos tratavam dos valores olímpicos, sobre o ganhar e perder, a importância da participação em detrimento da competição, racismo no esporte, o *fair play*, inserção tardia da mulher no esporte, como algumas atividades acabam por gerar exclusão dos menos habilidosos e reflexões sobre não importar-se com quem ficaria em primeiro lugar e, sim, os momentos vividos e as ações de afeto e solidariedade ali experimentadas.

Na maioria das vezes, o(a)s próprio(a)s estudantes iniciavam a conversa, apresentando questões sobre o esporte e a vida em sociedade. Referiram-se, por exemplo, a um episódio em que um colega ajudou outro da equipe rival, situação comentada e refletida de forma positiva pela turma.

Enquanto o montante de tampinhas crescia, as crianças se mostravam interessadas simultaneamente na ação e no propósito. O(A)s responsáveis se mobilizavam para ajudá-lo(a)s na arrecadação. Diariamente, chegavam sacos repletos.

Imagem 4 - Tampinhas arrecadas pelos estudantes



Em meio a tudo isso, questões sobre o corpo emergiram quando alguém teve a ideia de fazer o contorno corporal com as tampinhas. Mencionaram situações de *bullying*, como o caso de uma menina que fora chamada de “cabelo de Bombril”, além de gordofobia, padrões corporais, diferentes estaturas, cor de pele e cabelo. Refletiram sobre os diferentes contornos que seus corpos geraram, emitindo discursos que evidenciaram a notável diferença entre eles, como quando aludiram sobre a quantidade de tampinhas necessárias para contornar diferentes corpos.

Imagem 5 – Estudantes realizando atividades com uso de tampinhas







Levei algumas bonecas de características diferentes: uma era negra com cabelos enrolados, a outra não tinha uma perna, uma de cabelo rosa, outra azul e um boneco que aparentava usar batom. Sentado(a)s em roda, mostrei uma boneca por vez, perguntando sobre as características e estimulando uma comparação com brinquedos conhecidos. Questionei também se viam bonecos em cadeira de rodas, com vitiligo, síndrome de Down. As crianças trouxeram várias dúvidas sobre o tema, questionando padrões socialmente instituídos e as propagandas nas mídias.

Uma estudante negra disse que o cabelo da boneca parecia com o dela e a conversa enveredou para padrões estéticos de beleza. Perguntei porque a maioria das bonecas à venda são brancas, loiras e de olhos azuis. As colocações fizeram pensar sobre a construção da normalidade, sobre ser diferente não significar ser melhor ou pior e nem um demérito.

Outro estudante estranhou o fato de o boneco estar usando batom. Conversamos sobre a construção social do que é feminino e masculino; como acontece sobre uso de cor rosa por meninas e azul por meninos, futebol para homens e ballet e dança para mulheres.

Como resultado de toda essa discussão a respeito das diferenças, decidimos desenhar nossas mãos e elaborar um mural que nos representasse.

Imagem 6 – Mural feito por estudantes e docente



Depois da contagem das tampinhas arrecadadas, conversamos sobre a importância de ver aquela ação como uma atitude solidária e coletiva, afirmando que a competição não tinha tanto valor, pois, quanto mais tampinhas juntássemos, mais cadeiras conseguiríamos e mais pessoas se beneficiariam. Inclusive, conversamos sobre as tampinhas serem jogadas no lixo, sobre produção de lixo, descarte adequado, preservação do meio ambiente e a reutilização de materiais.

Percebi que após entregar todas aquelas tampinhas na instituição, as crianças se sentiam agentes da transformação: *espero que tenha ajudado pessoas que precisam de cadeiras de rodas; vou juntar mais tampinhas para ajudar as pessoas que precisam de cadeira de rodas; já estou guardando minhas tampinhas para ajudar mais pessoas e usar nos Jogos Internos do ano que vem.*

Imagem 7 - Grupo de servidores do CPHI expondo tampinhas arrecadadas

